

**ORIGENS DA SENSIBILIDADE DEVOCIONAL
DA NARRATIVA DE FÁTIMA
ORIGINS OF THE DEVOTIONAL SENSIBILITY
OF THE FATIMA NARRATIVE**

JOSÉ EDUARDO FRANCO
Universidade Aberta, CEG-CIPSH
eduardofranco.ceg@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5315-1182>

PORFÍRIO PINTO
Universidade Aberta, CEG-CIPSH
porpinto@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3127-1420>

Texto recebido em / Text submitted on: 24/01/2023
Texto aprovado em / Text approved on: 15/01/2024

Resumo

A narrativa de Fátima é profundamente devedora das correntes modernas de espiritualidade mariana, ou cristológico-mariana. A Senhora que apareceu em Fátima, na última das suas aparições, revelou-se como «a Senhora do Rosário». Esta invocação mariana, que se afirmou nos anos subsequentes à conclusão do concílio de Trento (sobretudo depois da Batalha de Lepanto, em 1571), era particularmente venerada pelos Pastorinhos na sua paróquia de Fátima. No entanto, nas conversas destes com a Senhora vestida de branco, «mais brilhante que o sol» (cf. Ct 6, 10; Ap 12, 1), sobressai a doutrina reparadora do Imaculado Coração de Maria, bem como a sombra protetora da Mãezinha do Céu, a «Mãe de misericórdia» da tradição monástica. São estas

duas sensibilidades modernas que constituirão o objeto da breve abordagem apresentada neste nosso ensaio.

Palavras-chave

Cordial; espiritualidade; Fátima; Maria; misericórdia.

Abstract

The Fatima narrative is deeply indebted to modern currents of Marian, or Christological-Marian, spirituality. The Lady who appeared in Fátima, in the last of her apparitions, revealed herself as «the Lady of the Rosary». This Marian invocation, which was asserted in the years following the conclusion of the Council of Trent (especially after the Battle of Lepanto, in 1571), was particularly venerated by the Little Shepherds in their parish of Fátima. However, in their conversations with the Lady dressed in white, «brighter than the sun» (cf. Songs 6, 10; Rev 12, 1), the reparative doctrine of the Immaculate Heart of Mary stands out, as well as the protective shadow of the Heavenly Mother, the «Mother of Mercy» of the monastic tradition. These two Modern sensitivities will constitute the object of the brief approach presented in this essay.

Keywords

Cordial; Fatima; Mary; mercy; spirituality.

A sede de espiritualidade e da beleza profunda da mística sempre subjazem no ser humano, embora na diversidade de expressões e de sensibilidades, seja das épocas históricas, seja do caráter e psicologia de cada pessoa.

Dom Carlos Moreira Azevedo⁽¹⁾

O foco de interesse da história religiosa passou da hierarquia eclesiástica e da alta política para a congregação e a religião popular.

Olwen Hufton⁽²⁾

(1) Citação de um texto ainda inédito: “Introdução” da *História da espiritualidade e da mística em Portugal* (em preparação).

(2) Hufton 2006: 87.

Os programas das correntes de espiritualidade que se desenham no seio do Cristianismo europeu, no dealbar da Época Moderna, são marcados pelo conceitos-vetores explicativos consubstanciados nestas palavras-chave: Tensão, Conversão, Globalidade. As correntes afirmam-se em tensão, diferenciando-se na medida da sua fidelidade a perspetivas antropto-teológicas distintas. Todas elas visam superar uma vivência cristã formal e superficial para atingir a totalidade do ser humano individualmente (conversão da alma e, com esta, de todas as faculdades do ser humano, desde a razão à imaginação) e abranger globalmente todos os povos do planeta na então nascente aurora da globalização... Estas características patentes no ADN donde brota a sensibilidade das espiritualidades desenvolvidas na modernidade vamos ver espelhadas, de algum modo, na sensibilidade espiritual de Fátima no dealbar do século xx.

Nas últimas décadas, graças aos trabalhos de estudiosos como Jean Delumeau, tornou-se evidente que a verdadeira cristianização do Ocidente, em extensão e em profundidade, é um fenómeno moderno. Para isso muito contribuíram as missões internas, bem como o esforço de catequização pela palavra e pela imagem. Esse movimento de cristianização foi acompanhado por um recrudescimento da devoção mariana, diferente da que ocorrera nos séculos XIII e XIV. A «nova devoção» a Maria (Marques 2000: 627) tem subjacentes três motivos: a dignificação da oração vocal – a reza do rosário – doseada com a mental, dentro do espírito da *devotio moderna*; o relevo acentuado de Maria na sua função de corredentora – a doutrina imaculista –, advogada dos pecadores e mãe de misericórdia; o papel de intercessora celeste privilegiada – a Assunta, Rainha do Céu. Também «nova» – ou, melhor dizendo, renovada – é a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, agora de feição moderna, originada pelas aparições de Paray-le-Monial (1673-1674). Chegada a Portugal em 1728, de imediato se expandiu em Lisboa e por todas as províncias do reino. Ainda antes do final do século, D. Maria I mandava construir um templo – o primeiro em todo o mundo – consagrado ao Coração de Jesus, a Basílica da Estrela (1779-1790), e conseguia do papa Pio VI a instituição da festa do Sagrado Coração, com ofício e missa própria, o que provocaria sérios ataques da parte dos jansenistas (Marques 2000: 619-621).

Subsequentemente, uma extensiva corrente de espiritualidade popular marcava a pastoral católica nos séculos XIX e XX: a espiritualidade reparadora dos corações de Jesus e de Maria. A emergência do Santuário

de Fátima enquadra-se nesta história de espiritualidade florescente, que o legitima, e para a qual vai contribuir com conteúdos específicos, dando-lhe projeção global.

Nós apelidamos esta corrente de espiritualidade «quente», ou dos afetos. Efetivamente, a geografia ensina-nos que há climas frios e quentes, com as suas variantes temperadas, secas e húmidas. Se estabelecêssemos uma geografia da espiritualidade, poderíamos dizer que haveria também espiritualidades frias e quentes. A espiritualidade do Coração de Jesus – e de Maria – é, sem dúvida, uma espiritualidade quente (Franco 2005; 2007; 2011).

Esta espiritualidade cordial pode ainda ser enquadrada na tipologia das espiritualidades sinedocais, que adquiriram grande expansão no seio da Igreja católica durante a modernidade. Espiritualidade sinedocal é uma designação que deriva da figura de estilo chamada «sinédoque», que consiste em tomar a parte pelo todo. Ora, na prática devocional acentuada, depois da Idade Média, em torno da imitação de Cristo e da sua humanidade, desenvolveram-se espiritualidades especializadas que destacavam uma parte, um órgão, um aspeto da figura de Jesus Cristo humanamente encarnada. Nesta tendência de focalização simbólica brotaram diferentes espiritualidades e formas de devoção associadas a novas ordens e congregações religiosas especializadas em determinadas áreas ou devotadas a certos serviços pastorais. Surgiram assim, a título de exemplo, as devoções e congregações dedicadas ao Preciosíssimo Sangue de Jesus, à sua Santa Face, às Cinco Chagas e, naturalmente, ao Sagrado Coração. Assim, acentuou-se uma parte da humanidade de Jesus para valorizar uma dimensão da vida e da mensagem cristã, iluminando o todo a partir desse ângulo particular.

No entanto, a espiritualidade cordial, através das instituições a ela dedicadas, foi a espiritualidade sinedocal que logrou obter mais popularidade e amplitude na Igreja. Tanto mais que a parte simbólica do coração é aquela que, no âmbito desse tipo de espiritualidade, melhor exprime o todo do mistério mais profundo de Cristo e da essência de Deus-Amor, na linha da doutrina mais genuína dos evangelhos. O coração é, assim, no quadro das espiritualidades cristológicas, mas também mariológicas, aquela parte que melhor abarca significativamente o todo do mistério cristão.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus afirmou-se, na modernidade, por oposição à emergência daquilo que apelidamos de espiritualidades

frias. Frias na concepção de Deus que elas apresentavam e na maneira que propunham do homem se relacionar com o Transcendente. Vejamos⁽³⁾.

A revolução antropocêntrica do início da Idade Moderna – de que é paradigmática a obra *Discurso sobre a dignidade do homem* (1486) de Giovanni Pico della Mirandola – tornou Deus extremamente distante, pelo que o debate pós-tridentino, sempre em torno da liberdade (humana) e da graça (divina), não é senão uma tentativa, quer de reformados, quer de católicos, de reavaliar a onnipotência divina à luz da autonomia humana. Constatando o afastamento de Deus, uns e outros procuram, em primeiro lugar, estabelecer o tipo de mediação entre o homem e a divindade: os católicos afirmam ser a Igreja, e os seus ministros; os reformados asseveram não existir outra mediação do que aquela estabelecida pelo próprio Deus, a saber, Cristo e a Escritura. Curiosamente, como ministro da eucaristia e intérprete da Palavra, o sacerdote (católico) parece ser aquele que assegura melhor, quotidianamente, a mediação crística na comunidade! Em segundo lugar, na questão da liberdade e da graça, os reformados – mas também Baio, Jansénio e Quesnel do lado católico – enveredam pelo caminho de Paulo e Agostinho, que defendem os direitos de Deus: o ser humano só se salva pela graça divina, pois por si só nada pode fazer; os católicos fazem caminho pela via tomista, impregnada de humanismo: o ser humano salva-se, é certo, por graça divina (uma «graça suficiente»), mas, através do seu livre-arbítrio, coopera com o mesmo Deus.

Estas concepções teológicas estão por detrás de variadas correntes espirituais. Em rutura com a Igreja, desenvolveram-se as espiritualidades protestantes, com particular destaque para a calvinista. Nesta, promoveu-se a individualização particularista da vivência religiosa, a depuração das formas afetivas de devoção exteriorista, associando uma mundividência marcada pela repressão dos afetos, excessivamente moralizante dos comportamentos que deveriam ser vigiados publicamente de forma altamente repressiva. Esta espiritualidade assentava numa visão determinística da ação providencial de Deus sobre a história de cada homem, um Deus impiedoso perante o pecado e avaro de misericórdia.

No seio do catolicismo também se afirmou, durante a modernidade, uma espiritualidade de inspiração agostiniana radical, assente numa visão de um Deus distante e severo: o jansenismo (condenado posteriormente

(3) Para o que se segue, remetemos para Lécrivain (2002).

pela Santa Sé). Este movimento introduziu uma racionalização escrupulosa do culto litúrgico a Deus, visto como juiz impiedoso dos homens em todos os seus mínimos atos. Tal espiritualidade sombria e triste teve expressão até na disposição arquitetónica das igrejas, distanciando-se o altar – o centro do culto – dos fiéis, de modo a expressar esse distanciamento abissal entre Deus e o homem impuro, que tinha necessidade de permanente purificação. O jansenismo, que alcançou uma significativa difusão por toda a Europa, a partir de França, impôs um medo extremo de Deus e um moralismo excessivo de carácter ascetizante, que desconfiava da emoção e demonizava a afetividade na devoção religiosa.

Il s'agit d'hommes ou de femmes qui se sont placés sous la direction spirituelle de prêtres ou d'abbesses renommés, en vue d'une expérience spirituelle forte. Convaincus de la misère et de la fragilité de l'homme, qui vit dans l'incapacité de mener une vie juste, et de l'omniprésence du diable sur la terre sous des formes multiples et cachées, ils éprouvent le désir d'une démarche spirituelle personnelle guidée par un directeur – ou une directrice spirituelle – renommé [...]. (Michel 2002: 183).

Como corrente que contrabalança estas espiritualidades frias, a espiritualidade do Coração de Jesus afirmou-se a partir do século XVII, bebendo, porém, nas suas raízes bíblicas, patrísticas e medievais, que valorizavam o coração como símbolo-centro do amor, da afetividade, dos valores morais, com capacidade metafórica para simbolizar o amor de Deus pelo homem.

Breve história da devoção cordial (de Jesus e de Maria)

Na Bíblia hebraica, o termo *leb*, «coração», constitui a base de toda a relação religioso-moral do homem com Deus⁽⁴⁾. Ele é o centro vital do ser humano: o lugar onde amadurecem as suas disposições, boas ou más; o princípio e origem da responsabilidade da pessoa (pelo que se identifica com a sua «consciência»); e, também, o centro da vida cognoscitiva, representando a sua interioridade ou a sua intimidade mais profunda (o seu «eu»). Por conseguinte, o coração não é um mero

(4) Para o que se segue, ver Laviguer (2006) e Alonso (1985).

órgão biológico, mas o centro da vida espiritual do ser humano (ou seja, o lugar do encontro com Deus), o princípio de vida, memória, pensamento, vontade, interioridade.

Na patrística, surgem as primeiras expressões da devoção aos corações de Jesus e de Maria. Nos Padres da Igreja e escritores eclesiásticos do primeiro milénio é frequente encontrar meditações sobre a paixão – e o amor misericordioso de Deus –, e mais concretamente sobre as cinco chagas, particularmente o lado aberto, que revela a ferida do coração (física e espiritualmente). Em relação a Maria, é também a paixão de Cristo que suscita a meditação sobre o seu coração de mãe, à luz da passagem de Lucas 2, 35: «uma espada trespassará a tua alma». Mas Santo Agostinho introduzirá um outro tema, que atravessará a Idade Média até ao Vaticano II: a conceção do Verbo (Palavra) no seu coração, antes de ser concebido no seu seio. É esse tema que lhe permite apresentar Maria como discípula de seu filho e mãe dos membros da Igreja.

Na Baixa Idade Média, mantém-se o registo simbólico: Santo Anselmo e São Bernardo meditam fervorosamente sobre a ferida do lado, que também deixa apenas entrever o coração ferido de Cristo. Por sua vez, Guillaume de Saint-Thierry e os vitorinos já contemplam o próprio coração ferido, símbolo do amor redentor. E, paulatinamente, esse coração de Cristo torna-se objeto de devoção pessoal, sobretudo nos meios franciscanos: São Francisco, Santo António, São Boaventura, Marguerite de Cortone, ou Santa Ângela de Foligno. No século XIV, essa mesma devoção de carácter pessoal penetra os meios místicos, beneditinos (Gertrudes de Helfta e Mechtilde) e mendicantes em geral (Ubertino de Casal, Santa Clara de Rimini, Santa Catarina de Sena, Henrique de Suso e João Tauler). Depois, nos dois séculos seguintes, ela tornar-se-á cada vez mais omnipresente: Santa Francisca Romana, São Bernardino de Sena, Santa Catarina de Bolonha, Joana de Valois, Batista Varani, Henrique de Herph, ou os cartuxos de Colónia (séc. XV); João Justo de Lansperge, Santo Inácio de Loiola, os beneditinos de Montmartre, entre outros (séc. XVI). Todavia, o desenvolvimento da devoção mantém-se sempre em torno da recordação da via dolorosa da Paixão de Cristo (Bainvel 1911: 252-279; e, ainda, Hamon 1925, vol. 2).

Essa relação com a paixão de Cristo é por demais evidente na iconografia dos séculos XV e XVI. Surgem, recorrentemente, vários tipos de gravuras em que é representado um coração com uma fenda – a ferida do lado – donde caem algumas gotas de sangue, mas também um

coração trespassado por três pregos, ou ainda um coração pregado numa cruz, em que são também representados os pés e as mãos (completando deste modo as cinco chagas de Cristo). A devoção ao Coração de Jesus não para de crescer.

A *devotio moderna* e a espiritualidade de Santo Inácio de Loyola patente no seu famigerado livro dos *Exercícios Espirituais*, difundidas ambas pela Companhia de Jesus, ajudaram a preparar também o caminho à emergência de uma nova espiritualidade, a espiritualidade cordial, que mobilizasse e envolvesse todas as faculdades humanas na demanda de uma intimidade maior com Deus. Na espiritualidade inaciana, a dimensão afetiva, a faculdade da imaginação, da emoção e os sentimentos são considerados e orientados para o incremento de uma contemplação divina mais profunda e volitivamente mais sincera e total. Trata-se de uma espiritualidade nova que pretendia aproximar mais Deus do homem, para que o homem se aproximasse mais de Deus a partir do seu íntimo e com a totalidade do seu ser.

No século XVII, São João Eudes, fundador de duas congregações religiosas – uma masculina e outra feminina – dedicadas aos Sagrados Corações, publicou uma obra que se tornou paradigmática do processo de incremento da espiritualidade cordial, chamada *O coração admirável da Sacratíssima Mãe de Deus* (1660). E nesse mesmo século, Santa Margarida Maria Alacoque, da Ordem da Visitação, recebeu as famosas revelações do Coração de Jesus em Paray-Le-Monial, que conheceram uma grande influência. Estas duas figuras da espiritualidade católica de Seiscentos deram um extraordinário impulso à devoção, de tal forma que podem ser consideradas, em certo sentido, as figuras fundadoras da emergente espiritualidade dos Corações de Jesus e de Maria.

Se no século XVII se deu o grande impulso à devoção ao Coração de Jesus, foi no século XVIII que se assistiu à sua disseminação na Igreja universal. Os sinais-testemunhos da difusão desta espiritualidade podem ser detetados na multiplicação de confrarias, capelas, igrejas, basílicas, ritos devocionais populares, dedicados ao Sagrado Coração de Cristo. Como já referimos, em Portugal, o exemplo de maior expressão da impregnação e assunção desta espiritualidade foi a construção da monumental Basílica da Estrela, no reinado de D. Maria I. O próprio desenho arquitetónico peculiar deste templo não deixa de expressar algumas linhas de força desta espiritualidade mais afetiva: a luminosidade, a disposição do lugar dos fiéis em relação ao centro

do culto numa linha de maior proximidade, a conceção das imagens sagradas marcadas pela expressão da sua humanidade, etc. Recorde-se que em Portugal o culto ao Coração de Jesus inscreve as suas raízes na corrente muito popular do culto das Cinco Chagas de Cristo, ou seja, numa dimensão muito sofredora da sua humanidade.

Foi ainda neste Século das Luzes e da razão geométrica que se assistiu aos primeiros reconhecimentos oficiais da espiritualidade do Coração de Jesus. O primeiro verificou-se no pontificado do papa Clemente XIII, através de um decreto emanado pela Sagrada Congregação dos Ritos em 1765. O segundo reconhecimento, mais importante, veio da parte do papa Pio VI, em 1794, com a publicação da Constituição *Auctorum fidei*.

Passados os dois primeiros séculos de afirmação desta espiritualidade cordial na Igreja, entramos no século que podemos chamar o século por excelência do Coração de Jesus. Foi no conturbado século XIX, século das revoluções e da proliferação das ideologias de pendor racionalizante e cientificizante, que esta espiritualidade afetiva se impôs e foi plenamente consagrada ao mais alto nível da Igreja, e expandida nos países católicos e nas missões, como proposta de devoção renovadora da vida cristã. Pio IX, reconhecendo a importância desta corrente devocional na renovação do fervor dos cristãos na Igreja, instituiu a Festa do Coração de Jesus, definida como solenidade universal de toda a Igreja em 1856.

Neste século de Oitocentos multiplicaram-se as congregações e obras dedicadas ao Coração de Jesus, e também, por extensão, ao Coração de Maria. Recordemos alguns nomes: Congregação dos Sagrados Corações (Picpus) (1800), Sociedade do Sagrado Coração de Jesus (1800), Filhas do Sagrado Coração de Jesus (1831), Padres do Sagrado Coração de Jesus de Bétharram (1832), Missionários do Sagrado Coração de Issoudun (1854), Irmãs Franciscanas do Sagrado Coração de Jesus (1864), Missionários Combonianos do Coração de Jesus (1867), Escravas do Sagrado Coração de Jesus (1877), Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus (1881), Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus (1894), Padres Rogacionistas do Coração de Jesus (1897), Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus (1931).

Cumpra aqui relevar o papel que António Maria Claret (1807-1870) teve na difusão especializada da devoção ao Coração de Maria através da fundação da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, que tem tido presença em Portugal até aos nossos dias.

Através do movimento do Apostolado da Oração, os Jesuítas reforçaram o seu já tradicional e importantíssimo papel na difusão desta espiritualidade.

Na segunda metade do século XIX, precisamente no período do grande apogeu desta devoção, o francês padre João Leão Dehon funda a Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, dedicada carismaticamente à vivência e à difusão desta espiritualidade, assumindo toda a radicalidade que ela implica. Destaca-lhe os valores da entrega, da oblação, da reparação, da disponibilidade total para o serviço e a implantação do Reino de Cristo na sociedade ao serviço da Igreja. No apelo e no compromisso missionário que esta espiritualidade implica, Dehon acentua-lhe a dimensão do risco. Propõe aos seus confrades o alimentar do desejo de arriscar tudo para a difusão do Evangelho, pela escolha das missões mais difíceis nos lugares mais inóspitos.

Neste período de liberalismo e das ideologias herdeiras da Revolução Francesa, marcadas pela preponderância da razão e pouco pelo coração, assistiu-se, como que em reação a este racionalismo absoluto, a uma espécie de globalização da devoção ao Coração de Jesus. Por todo o mundo, em honra do Sagrado Coração de Jesus, os católicos edificaram monumentos, construíram igrejas e basílicas, multiplicaram-se ritos devocionais particulares e públicos, instituíram solenidades, festas populares, cerimónias de coroação do Coração de Jesus, peregrinações, congressos... Países houve que foram consagrados ao Sagrado Coração de Jesus e à sua realeza, como aconteceu com a República do Equador e, mais tarde, com a Colômbia.

A Santa Sé não deixou de acompanhar e incentivar o sucesso desta espiritualidade e de consagrá-la de uma forma ainda mais expressiva. Pela influência decisiva de grandes figuras desta espiritualidade, em especial a Beata Maria do Divino Coração, o papa Leão XIII consagrou o mundo ao Sagrado Coração de Jesus em 1899 e publicou a Carta Encíclica *Annum sacrum*, reafirmando a importância deste movimento espiritual na Igreja.

É neste contexto de plena implantação desta devoção na Igreja que se assiste à construção, em 1895, de um grandioso templo dedicado ao Coração de Cristo no norte de Portugal: em Viana do Castelo, no cume do Monte de Santa Luzia.

Ao longo do século XX, esta espiritualidade é aprofundada, clarificada e atualizada não só pelo trabalho das instituições a ela

dedicadas, em resposta aos novos desafios da história e das preocupações do homem contemporâneo, mas também pela edição de documentos do magistério da Igreja. Entre os mais relevantes devemos recordar a publicação, em 1928, da Carta Encíclica *Miserentissimus Redemptor* de Pio XI e, em 1957, da Carta Encíclica *Haurietis aquas* de Pio XII, que manifestam um esforço de aprofundamento, de esclarecimento e um desejo de revitalização do significado mais genuíno da devoção ao Coração de Cristo e de Maria.

Em sintonia com a Santa Sé, os bispos portugueses não deixaram de ser assíduos na publicação de documentos para incentivar, esclarecer e regular a prática da devoção aos Sagrados Corações. Importa realçar historicamente a consagração nacional, em 1928, feita pelo episcopado português ao Divino Coração de Jesus. Este gesto foi repetido com maior solenidade ainda pelo cardeal-patriarca de Lisboa em união com o episcopado português aquando da inauguração do grandioso monumento a Cristo-Rei, em Almada, consagrando Portugal por essa ocasião aos corações de Jesus e de Maria.

O concílio Vaticano II e, na sua esteira, os papas Paulo VI e João Paulo II vão continuar a atualizar a linguagem desta espiritualidade cordial e conferir-lhe um sentido cristológico de raiz bíblica, intimamente ligado ao significado da teologia pascal cristã. A hierarquia da Igreja em cooperação com a reflexão dos grandes teólogos católicos dá plena cidadania a esta espiritualidade do coração, que conquista um dos lugares mais proeminentes entre as correntes de espiritualidade católica.

No seu já citado verbete, o padre Joaquín María Alonso sublinha a novidade de Fátima para a espiritualidade cordimariana nos seguintes termos:

San Juan Eudes estuvo sin duda influido por las revelaciones de María des Vallées, pero no las utilizó nunca en apoyo de sus afirmaciones ni aludió a ellas en sus obras. Quiso hacer una obra rigurosamente teológica, cuyos únicos fundamentos fueran la Escritura, la tradición y el magisterio. Los escritores que gravitaban en torno al ambiente de Paray-le-Monial se dejaron llevar un tanto unilateralmente por las revelaciones de santa Margarita María de Alacoque, olvidando en parte los argumentos teológicos. Hoy la devoción al corazón de María se ha visto espléndidamente reforzada por los acontecimientos de Fátima, que han tenido un reconocimiento oficial (Alonso 1985).

No entender deste religioso, com Fátima, a espiritualidade cordial não só ganha profundidade e interiorização, como assume ainda uma dimensão eclesial e global.

Herança viva da força carismática do legado desta espiritualidade do amor, da sensibilidade e da intuição são as diversas congregações religiosas e institutos seculares, nomeadamente femininos, que atuam hoje no nosso país, cujo carisma bebe do Coração de Cristo e/ou de Maria e que têm forte presença em Fátima, bebendo da sua espiritualidade particular e promovendo-a. Alguns destes institutos de vida consagrada chegaram até a complementar com esta espiritualidade moderna os seus carismas clássicos das grandes ordens de origem medieval. Recordemos alguns nomes: Missionárias Filhas do Coração de Maria, Escravas do Sagrado Coração de Jesus, Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, Irmãs Carmelitas do Sagrado Coração de Jesus, Irmãs Coraçõnistas, Irmãs da Caridade do Sagrado Coração de Jesus, Irmãs do Sagrado Coração de Jesus Sacramentado, Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, Oblatas do Divino Coração, Companhia Missionária do Coração de Jesus, Missionárias do Amor Misericordioso de Jesus e Instituto Secular do Coração de Jesus, Instituto das Religiosas do Coração de Maria.

A Mãe de Misericórdia

O tema de Nossa Senhora da Misericórdia – ou *Senhora do Manto* – surgiu no início do século XIII⁽⁵⁾, no contexto de afirmação quer das novas ordens que vieram desenvolver o culto mariano – bernardos (ou cistercienses), dominicanos, franciscanos, carmelitas, etc. (nas famosas visões da Virgem do Manto protegendo os membros de cada uma destas ordens) –, quer ainda, e sobretudo, associado à proteção de confrarias laicas e ao esconjuro de calamidades, mormente a peste. Com rápido desenvolvimento, num primeiro momento, na península itálica (sécs. XIV e XV), ele tornar-se-ia depois «um tema português», espalhando-se, a partir do século XVI, por todos os espaços da lusofonia (Serrão 2015: 639). Como sublinha Vítor Serrão, «a representação tende a transmitir sempre

(5) Porém, ele é herdeiro do antigo culto bizantino à Virgem do Véu, protetora do império e da cidade de Bizâncio. A este propósito, ver Caetano 1995: 26-27.

uma feição maternalista, espécie de simbiose de sentidos fraternais, espirituais e assistenciais das comunidades» (2015: 636).

O contexto em que surgiu esta devoção mariana é o da reflexão teológica acerca da maternidade espiritual de Maria, afirmada pela primeira vez, claramente, por Santo Anselmo: «Ó Senhora, tu és a mãe da justificação e dos justificados [...] a mãe de Deus e nossa mãe»⁽⁶⁾. Mas essa reflexão anselmiana foi preparada por outros autores que o precederam. Deve-se a Fulberto de Chartres – o grande impulsionador da festa da Natividade de Maria (8 de setembro) –, no início do século X, a expressão *Mater omnium*, «[Maria], a mãe de todos»⁽⁷⁾. No final desse mesmo século, o papa Gregório VII descreve Maria como a «mais misericordiosa e doce [das mães] para com os pecadores»⁽⁸⁾. Na sua espiritualidade, os clunícenses referem a função maternal de Maria, para com os fiéis, como «mãe de misericórdia», e São Bernardo, assim como toda a escola cisterciense, têm Maria como *plenitudine gratiae*, ou seja, associada a seu filho, a «cheia de graça» superabunda em graça. É então que começa a afirmar-se, verdadeiramente, o papel corredentor de Maria⁽⁹⁾.

Em Portugal, a representação da *Virgem do Manto* – a Mãe que protege toda a humanidade – veio renovar e prolongar estruturas culturais explícitas das velhas confrarias e hospitais do Espírito Santo, tão comuns nas cidades e vilas portuguesas do século XV (Serrão 2015: 637). Rapidamente, a representação da *Mater Omnium*, com toda a espiritualidade que encarna, multiplicou-se em retábulos, em estandartes processionais, em pinturas a óleo e a fresco, em iluminuras,

(6) O texto latino é o seguinte: «Ergo, o domina, mater es justificationis et justificatorum, genitrix es reconciliationis et reconciliatorum, parens es salutis et salvatorum. O beata fiducia! O tutum refugium! Mater Dei est mater nostra; mater ejus in quo solo speramus, et quem solum timemus, est mater nostra; mater inquam, ejus qui solus salvat, solus damnat, est mater nostra» (*Orationes*, LII, PL 158 [1853], 957; trad. nossa).

(7) A expressão encontra-se no *Sermo VI in festo Nativitatis sanctae Mariae* (cf. PL 141 [1853], 329).

(8) Texto latino: «Hoc tamen procul dubio teneas, quia, quanto altior et melior ac sanctior est omni matre, tanto clementior et dulcior circa conversos peccatores et peccatrices» (*Epistula 47*; PL 148 [1853], 328).

(9) Ilustrativa do papel mediador, e corredentor, de Maria é a miniatura do *Speculum Humanis Salvationis* (c. 1400), no capítulo 37: nela é representado Deus disparando flechas contra um grupo de pecadores, intervindo Maria (acompanhada por S. Francisco e S. Domingos) para os defender. A proteção mariana é reafirmada no capítulo seguinte, onde é representada precisamente a Senhora do Manto. Veja-se Flaherty 2006: 423 e 425.

em gravuras, em baixos-relevos, em azulejos, em têxteis, em peças de ourivesaria e mobiliário, etc.

As primeiras representações, no início do século XVI, ocorrem em círculos de influência da *devotio moderna*, que veiculam também valores do joaquimismo e do franciscanismo: o tríptico de Jan Provost (c. 1515), para a Misericórdia do Funchal (hoje, no MNAA); a xilogravura da edição *princeps* do *Compromisso* (1516) da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; na iluminura de António de Holanda para o *Compromisso* de 1520 (Arquivo da SCML); na tábua de Gregório Lopes (c. 1532), na Misericórdia de Sesimbra; o relevo do portal da igreja manuelina da Conceição Velha (c. 1534), primeira sede da Misericórdia de Lisboa⁽¹⁰⁾. As pessoas representadas nestas peças não são figuras históricas – como por vezes se pensou –, mas figuras-tipo: de um lado (à direita da Virgem) temos os representantes do poder espiritual, do outro (à sua esquerda), os representantes do poder temporal.

Nos estandartes processionais, a representação da *Mater Omnium* tem, no reverso, Nossa Senhora da Piedade. Essa iconografia é reveladora, como dissemos, do ambiente da *devotio moderna* em que a devoção surgiu e se desenvolveu em Portugal. Mais tarde, em algumas bandeiras, em vez da *Pietà*, irá surgir representada a *Visitação de Maria a Santa Isabel*. Compreende-se porquê: a visitação (aos enfermos, aos prisioneiros, etc.) faz parte do carisma fundamental das Misericórdias, que tem que ver com o exercício das obras de misericórdia corporais e espirituais.

Reveladora da continuidade do culto ao Espírito Santo é a presença, em grande parte das igrejas da Santa Casa da Misericórdia, da representação do *Pentecostes* (normalmente no retábulo-mor):

a sociedade civil do país profundo [...] ousa intervir nos discursos sobre o novo tempo e os Novos Mundos, no papel que cabe à missão, à abertura dialogal e esbatimento de diferenças, ao convívio com usos e costumes, línguas e culturas distintos, para se perceber a globalização. (Serrão 2015: 648).

A religião tinha um papel unificador do edifício expansionista (África-América-Ásia).

(10) Para uma lista mais completa dessas representações, veja-se o já citado Caetano 1995: 44-47.

Mas não nos iludamos, as Confrarias da Misericórdia tinham um carácter exclusivista, que contrastava com a simbólica da *Mater Omnium*: estatutariamente, não eram admitidos – nem sequer como irmãos – indivíduos de sangue mourisco ou cristão-novo. Por outro lado, o culto manifestava frequentemente sinais de mariolatria: a misericórdia, que é atributo divino, era como que reservada a Maria e contraposta à justiça divina (frequente representação de Deus como justiceiro, como na já mencionada miniatura do *Speculum humanis salvationis*, ou na bem conhecida pintura de Lucas Cranach, *o Velho*, no Museu de Belas Artes de Budapeste, na qual se vê Deus Pai prestes a lançar três setas – a guerra, a peste e a fome –, perante um Cristo suplicante, ajoelhado sobre a cruz, e a *Mater Omnium* que a todos acolhe debaixo do seu manto).

O pontificado do papa Francisco veio colocar novamente o acento na misericórdia divina. Por isso, nos últimos anos, tem-se insistido neste aspeto devocional de Fátima. Nossa Senhora do Rosário de Fátima é «a Mãe», a «Mensageira da Misericórdia», essa misericórdia divina revelada em Jesus Cristo, o Filho de Deus. A teologia subjacente à mensagem de Fátima, portanto, remete para a *Mater Omnium* que acima expusemos: a mãe preocupada pela sorte dos pecadores e pela paz no mundo. Isso é claramente expresso logo na primeira aparição do Anjo, em 1916:

Que fazeis? Oraí! Oraí muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios [...]. De tudo que puderdes, ofereci um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim sobre a vossa Pátria a paz. (Lúcia 2007: 170).

Por isso, D. António Marto, bispo da diocese de Leiria-Fátima, na sua carta pastoral preparatória do Centenário das Aparições na Cova da Iria, *Maria, Mãe de ternura e de misericórdia* (2015), afirmava:

O grande protagonista do acontecimento Fátima é o próprio Deus misericordioso que, através de Maria, Mãe de Jesus e da Igreja, envia uma mensagem e um apelo concreto ao mundo numa situação trágica. Maria fala-nos de Deus com a linguagem do seu coração materno (Marto 2015: 3).

As espiritualidades cordial e da divina misericórdia têm efetivamente uma fonte comum: o amor de Deus revelado em Cristo, que deu a sua

vida pela salvação da humanidade inteira (cf. Farias 2017: 215-217; Boublil 2018: 157)⁽¹¹⁾.

A sua presença nos acontecimentos de Fátima não é acessória. Pelo contrário, a espiritualidade cordial (cordimariana) está mesmo no âmago desses acontecimentos: as aparições aos pastorinhos são justificadas, pela Virgem, porque Deus quer estabelecer a devoção do Imaculado Coração de Maria no mundo inteiro (Lúcia 2007: 121)⁽¹²⁾. E não se trata de mais uma devoção, mas daquela que «conduz a Deus»: «O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus» (Lúcia 2007: 83 *passim*). Que conduz, portanto, ao Deus da misericórdia.

Epílogo

Para concluir, é interessante avocar a inspiração dada pela espiritualidade cordial ao padre Manuel Antunes, SJ, pedagogo notável do século XX português, para fundamentar um dos seus textos mais ricos sobre os aspetos do homem contemporâneo. O autor defende que o *homo mechanicus* formado na era industrial e tecnológica deve dar lugar ao *homo misericors*, como caminho para construir uma humanidade nova. Só o modelo do *homo misericors* inspirado nos valores do mistério mais profundo do cristianismo tem condições para reabilitar o homem fraturado interiormente da sociedade contemporânea e fazer emergir o homem novo, transfigurado, capaz de preencher o vazio que o aniquila por dentro. De acordo com este filósofo, o «homem mecânico» da civilização tecnológica e do consumo deu origem ao «homem espuma», hoje mais conhecido por homem *light*:

(11) Depois da beatificação de Faustina Kowalska, a 18 de abril de 1993, a Igreja retomou a devoção ao Coração de Jesus como expressão da divina misericórdia, depois de um breve período – que já havia começado pouco antes da realização do concílio Vaticano II e se acentuou na fase pós-conciliar – de algum esmorecimento quer da devoção mariana, quer ainda da devoção ao Coração de Jesus (Farias 2017: 204-205). Dessa «crise» falava já Alonso (1985), bem como da necessidade de uma «renovação», que aconteceria precisamente com a valorização do tema da misericórdia divina.

(12) O cardeal Cerejeira comparava a revelação de Fátima (devoção ao Imaculado Coração de Maria) à de Paray-le-Monial (devoção ao Sagrado Coração de Jesus), dizendo que aquela é não só a continuação, mas sobretudo a conclusão desta, reunindo «aqueles dois Corações que o mesmo Deus uniu na obra divina da Redenção dos Homens» (Leite 1969: 4).

Representa o *homo mechanicus*, sobretudo o *homo-mechanicus-in puris-artificialibus*, o ponto limite de um certo tipo de homem: esvaziado, exteriorizado, laminado. Mas é, porventura, dessa fundamental demonstração de perda, de objectivação, de aliança, que surgirá o processo inverso de recuperação e humanização. (Antunes 2018: 88).

Pela misericórdia entendida no seu significado mais profundo, enquanto «movimento do coração», redirecionado pelo amor supremo, se dará a transformação do homem e da sociedade no sentido da construção da civilização do amor:

É pela misericórdia que se salvam as relações de pessoa a pessoa, sobretudo quando essas relações, por este ou aquele motivo, têm de ser longas, complexas, triturantes: no parentesco, na vizinhança, na situação profissional, no mais largo espaço social. [...] É pela misericórdia que inveteradas inimizades cessam, convertendo-se, porventura, no seu contrário. É pela misericórdia que diuturnos ressentimentos abrandam, lívidas invejas desaparecem, passos vacilantes se tornam firmes. É pela misericórdia que se abre o coração ao estrangeiro, se olha o insólito sem animosidade, como princípio, se encaram hábitos alheios e alheios sistemas de referência, sem atitudes condenatórias e sem julgamentos sumários. É pela misericórdia que se realiza a melhor apreensão e compreensão do mundo e da vida: a apreensão e compreensão dos místicos. É pela misericórdia – rio acaso subterrâneo – que se ligam mares e continentes, cidades e aldeias distantes, culturas e civilizações separadas por toda a espécie de barreiras.

A misericórdia constitui o fulcro, o eixo, o gonzo de tantas outras coisas que nem o conhecimento direto, nem a facilidade de comunicações, nem qualquer outro meio – mecânico, orgânico ou intelectual – podem proporcionar. Predisposição favorável, espaço livre de acolhimento, força e fundura, serenidade e longanimidade, a misericórdia, no sentido amplo aqui analisado, liga e religa todos os homens entre si e, em última instância, com Aquele a quem todos explícita ou implicitamente vivem referidos. Qualquer que seja o seu nome. A misericórdia é a grande via de acesso à Transcendência. (Antunes 2018: 84-85).

Referências bibliográficas

- Alonso, Joaquín María (1985). "Inmaculado Corazón de María", in S. Fiores (dir.), *Nuevo Diccionario de Mariología*. Madrid: Paulinas, 941-952. Texto online: https://www.mercaba.org/DicMA/H/0941-0955_I_Cor_M.htm (consultado em 27-06-22).
- Antunes, M., sj (2018). *Compreender o mundo e atualizar a Igreja. Grandes textos do Padre Manuel Antunes*. Coord. de J. E. Franco e L. M. de Abreu. Lisboa: Gradiva.
- Azevedo, Carlos M. (no prelo). "Introdução Geral", in J. E. Franco e E. Abrantes (dir.), *História da espiritualidade e da mística em Portugal* (vol. 1).
- Bainvel, J.-V., sj (1911). *La dévotion au Sacré-Cœur de Jésus: doctrine – histoire* (3.º ed.). Paris: Beauchesne.
- Boublil, Elodie (2018). "Mystique du cœur et vocation de la personne", *Le Philosophoire*, 49, 151-186.
- Caetano, Joaquim Oliveira (1995). "Sob o manto protector. Para uma iconografia da Virgem da Misericórdia", in Nuno V. e Silva (coord.), *Mater Misericordiae*. Lisboa: Museu de São Roque/Livros Horizonte, 14-51.
- Farias, José Jacinto F. de (2017). "O coração de Maria e a mística da reparação", *Didaskalia*, 47, 1, 203-237.
- Flaherty, H. M. (2006). *The Place of the Speculum Humanae Salvationis in the Rise of Affective Piety in the Later Middle Ages*. Dissertação de doutoramento em Filosofia, University of Michigan.
- Franco, José E. (2005). "História de uma espiritualidade quente: O Pe. Dehon e a história da espiritualidade do Coração de Jesus", in *Colóquio Pe. Dehon – Desafios para uma civilização do amor*, org. Seminário de Alfragide (13 de março de 2005).
- « — » (2007). "Notas para a história da espiritualidade do Coração de Jesus", *Brotéria*, 165, 29-40.
- « — » (2011). "Uma espiritualidade de feição feminina: Notas para a história da devoção ao Coração de Jesus e de Maria", in Irene Tomé et al., *Olhares sobre as mulheres – Homenagem a Zélia Osório de Castro*. Lisboa: CESNOVA, 183-192.
- Hamon, A. sj (1925). *Histoire de la dévotion au Sacré-Cœur* (vol. 2: L'aube de la dévotion). Paris: Beauchesne.
- Hufton, Olwen (2006). "Que é a história religiosa hoje?", in David Cannadine (coord.), *Que é a História Hoje?*. Lisboa: Gradiva, 85-110.

- Laviguer, Lyne (2006). “Aux sources de la dévotion au Sacré-Coeur”. Texto online: https://www.cemi.ulaval.ca/sites/cemi.ulaval.ca/files/uploads/Texte_Aux-sources-de-la-dévotion.pdf (consultado em 27-06-22).
- Lécrivain, Philippe (2002). “Liberté et grâce au xvii^e siècle et la part prise par la Compagnie de Jésus dans le débat”, in H. Laux et D. Salin (dir.), *Dieu au xvii^e siècle: crises et renouvellements du discours – une approche interdisciplinaire*. Paris: Éd. Faculté Jésuites de Paris, 191-212.
- Leite, Fernando (1969). “Fátima e os Corações de Jesus e Maria”, *Voz da Fátima*, XLVI, 561, 4.
- Lúcia, Irmã (2007). *Memórias* (13.^a ed.). Fátima: Secretariado dos Pastorinhos.
- Marques, João F. (2000). “Oração e devoções”, in Carlos M. Azevedo (dir.), *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 2, 603-670.
- Marto, D. António (2015). Carta pastoral *Maria, Mãe de ternura e de misericórdia* (Leiria, 15 de setembro de 2015), preparatória do Centenário das Aparições.
- Michel, Marie-José (2002). “Le Dieu des jansénistes”, in H. Laux et D. Salin (dir.), *Dieu au xvii^e siècle: crises et renouvellements du discours – une approche interdisciplinaire*. Paris: Éd. Faculté Jésuites de Paris, 181-189.
- Migne, Jacques-Paul (1844-1845). *Patrologiae cursus completus*. Série Latina (= PL) (221 volumes). Paris: Migne. Volumes 141 (Fulberto de Chartres), 148 (Gregório VII) e 158 (Santo Anselmo).
- Serrão, Vítor (2015). “Iconografia da Mater Omnium na arte portuguesa: do culto do Espírito Santo ao de ‘Nossa Senhora da Misericórdia’ (séculos xvi-xviii)”. Texto online: <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/a-misericordia-de-vila-real-e-as-misericordias-no-mundo-de-expressao-portuguesa/iconografia-da-mater-omnium-na-arte-portuguesa-do-culto-do-espírito-santo-ao-de-nossa-senhora-da-misericordia-seculos-xvi-xviii> (consultado em 27-06-22).

